

# Caderno Videoação

Uma prática de Inclusão Digital



# Caderno **Videoação**

Uma prática de Inclusão Digital



## FICHA TÉCNICA CDI SÃO PAULO

Rodrigo Alvarez – Coordenação Geral

Fáima Oliveira – Coordenação Pedagógica

Raquel Quintino – Coordenação de Projetos Sociais

Kalu Newton Scrivano – Assistência Pedagógica

Paula Takada – Assistência Pedagógica

Laura Fuser – Assistência de Projetos Sociais

Gisele Santos – Gestora de Escolas de Informática e Cidadania

Luis Melo – Gestor de Escolas de Informática e Cidadania

Suelen Faria – Gestora de Escolas de Informática e Cidadania

Noely Souza – Assistente administrativo-financeiro

Projeto Gráfico - Edson Pereira

# Prefácio

“Tudo o que eu não invento é falso”

Manoel de Barros

Minha adolescência se passou nos anos da ditadura. Naquele tempo, eu não entendia nada das coisas que estavam acontecendo. Não entendia por que um dos meus professores copiava versos na lousa, falava pra gente ler e, em seguida apagava, dizendo que era pra gente fazer de conta que não tinha lido nada. Do mesmo modo, não entendi, nem meus colegas, por que nossa professora de Sociologia começou a faltar, três...cinco dias nas aulas. Quando veio a notícia de que seu carro havia sido encontrado queimado e dentro dele seu corpo irreconhecível, limitamo-nos a ir ao enterro e chorar. Só isso. Nem um de nós entendia o que estava acontecendo. Só tínhamos a sensação de algo estava muito errado.

Crescia a venda de revistas especializadas em televisão, a grande sensação dos anos 70. Programas de luta livre, novelas, Roberto Carlos aos domingos, festivais de música, iam se transformando no assunto das nossas semanas, como se nada mais existisse no mundo. Como nunca nossas cabeças começavam a ser feitas por influência da televisão: isto (este, esta) é feio, aquilo (aquele, aquela) é bonito...Isto (este, esta) é certo, isto (aquilo, aquele) é errado. Em pouco tempo, os modelos de como ser, pensar e agir estava aprendido, decorado e prontinho pra gente multiplicar. E a gente, não só entendeu, como ensinou outros a serem como nós - espectadores da vida que passava bonita na telinha da televisão. Foi assim que o tempo passou na janela e só Carolina não viu!

Mas, história é movimento. E as pessoas são capazes de se inquietar e se organizar. Foi assim que alguns entenderam que se a tecnologia e o sistema de produção de som e imagem contribuíram para alienar, esses mesmos dispositivos poderiam servir para inverter a lógica que nos tinha transformado em admiradores boquiabertos de tudo que é distante e diferente de nós.

Surgiram os movimentos populares de produção de vídeo. Na base dessas propostas havia a idéia de que seria possível mudar o rumo da história. E que, para tanto, precisávamos todos nos envolver com produções que não mostrassem grandes e famosos artistas ou líderes. Ao contrário: era preciso a gente aprender a ver na tela gente como a gente, que não falasse textos escritos pelos outros, nem se apresentasse de modo exibicionista, artificial, maquiado. A gente precisava mesmo era escutar diferentes sotaques e não ter vergonha de nenhum deles. Precisava de gente dominando a câmera e mostrando o que nunca aparecia nos grandes telejornais ou superproduções do cinema.



Aos poucos esse movimento foi crescendo e hoje somos muitos, muitos mesmo. No Brasil, de ponta a ponta, já tem gente pequena de tamanho, gente simples só na aparência, fazendo vídeo de autoria, sobre tudo quanto é tema, dos mais variados e criativos jeitos.

Por esse motivo, com muita alegria, convido a todos que abrirem este caderno a conhecerem de perto as produções da I Mostra Vídeo-Ação. Nós por nós mesmos representa um desses momentos que provam que estamos no caminho certo: estamos organizados, espalhando que temos direito de produzir comunicação do nosso jeito, porque do nosso jeito é o jeito certo.

GRÁCIA LOPES LIMA

Coordenadora dos Programas de Educomunicação do GENS – Serviços Educativos do Projeto Cala-boca já morreu

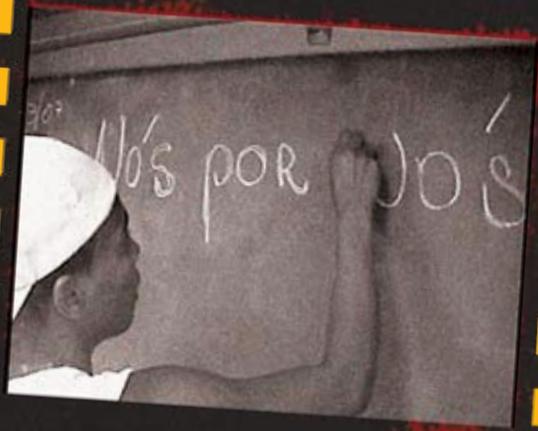
# SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	<b>5</b>
<b>Introdução: Luzes, câmeras: ação!</b>	<b>10</b>
<b>Parte I – Como aconteceu?</b>	<b>13</b>
Lançamento da proposta	15
Oficinas e produção dos vídeos	17
I VídeoAção – sinopses dos vídeos produzidos	19
<b>Parte II – Por que aconteceu?</b>	<b>27</b>
Uma proposta colocada em prática	29
Aprendizagens	30
<b>Parte III – Como pode acontecer?</b>	<b>37</b>
O que é um vídeo comunitário?	39
Como fazer um vídeo comunitário	40
<b>Anexos</b>	
Jogo do Fantasma	49
Ficha do Plano de Ação	51
Ficha para Roteiro	52
<b>Referências</b>	<b>53</b>





**LUZES**  
**CÂMERAS:**  
**AÇÃO!**





# A lente que lê O MUNDO

PAULO FREIRE NOS ENSINA que o processo de alfabetização pode ser uma forma de libertação dos oprimidos. Nós do CDI entendemos que o aprendizado das linguagens tecnológicas, científicas e artísticas também podem mediar o desenvolvimento do espírito crítico, criativo e emancipador.



## zoom

Com a metodologia VídeoAção estamos estimulando a produção de vídeos que mostrem grupos agindo na solução de problemas comunitários



A leitura do mundo e transformação social são pressupostos da metodologia freiriana. A lente pode revelar muita coisa sobre o mundo em que vivemos e sobre o olhar de quem segura a câmera. Olhar o mundo e perceber as questões à sua volta é identificar problemas e possibilidades de ações transformadoras e colocá-las em prática. Assim, o VídeoAção é o registro deste processo e, depois de pronto, quando exibido, sensibiliza e mobiliza mais pessoas em torno daquela mudança.

Assim, com a metodologia do VídeoAção estamos estimulando a produção de vídeos cujo o conteúdo registra a busca de solução de problemas comunitários pelos próprios moradores das periferias, conviventes de presídios ou pessoas em outras situações de exclusão social, feitos e utilizados por eles para mudar a situação ali estabelecida.

A linguagem do vídeo nos desafia a trabalhar com a imagem, com o som e com o movimento. Ela nos exige capturar este movimento, refletir sobre ele e editar este material para então transformá-lo em uma ferramenta de comunicação que pode mobilizar comunidades e articular ações, ao mesmo tempo que registra todo esse processo. Por isso, o vídeo não se encerra com uma ação, tampouco acaba com a produção dele, pois ao registramos um problema temos a oportunidade de proporcionar um olhar da comunidade sobre ele, desta vez focado nas cenas capturadas e editadas por um grupo, que a partir

**A realidade local é que determina o foco de ação**

daí pensa em novas ações articuladas a redes locais, agregando mais e mais pessoas daquele lugar.

Tendo um vídeo com o problema identificado e uma ação encaminhada, temos um registro em mãos, então poderemos convidar a comunidade, o poder público e privado locais para assisti-lo,

utilizando-o como meio para refletir e aprofundar sobre aquele problema ou outros do lugar, ampliando as ações e produzindo, durante o processo, outros vídeos e outros materiais de comunicação.

O momento da edição nos exige o conhecimento sobre informática, que se não o temos, precisamos adquiri-lo, então, se sou um excluído digital, preciso me alfabetizar nesta linguagem a fim de produzir meu vídeo. E se o conteúdo deste meu vídeo retrata a minha busca por melhorias de minha comunidade, contribuo com o desenvolvimento local e pessoal.

Inclusão social a partir da inclusão digital, essa é nossa missão.

LANÇAMENTO PROPOSTA ◀  
OFICINAS E PRODUÇÃO ◀  
I VÍDEO AÇÃO SINOPSES DOS ◀  
VÍDEOS PRODUZIDOS



**PARTE UM**

# Como aconteceu?





VIDEO

# Lançamento da PROPOSTA VÍDEOÇÃO

EM OUTUBRO DE 2006, A EQUIPE DO CDI São Paulo ainda não sabia como produzir vídeos junto com as Escolas de Informática e Cidadania (EICs), mas estava atenta a todas as mudanças que ocorriam na Internet com relação à produção de conteúdos por meio de Blogs, Fotologs e Podcasts. Os educadores e educandos sempre foram estimulados a explorar todas as tecnologias disponíveis – celulares, câmeras fotográficas digitais, gravadores de voz, etc – e a produção completa de um vídeo, a partir da metodologia de inclusão digital do CDI era um grande desafio. Nesse contexto surge a idéia do VídeoAção, com base no lema “Nós por nós mesmos”.

Resolvemos incentivar a produção do VídeoAção – não só pelas EICs mas por grupos e organizações que trabalham com a linguagem audiovisual – por meio de uma Mostra de Vídeo Comunitário, com a exibição dos trabalhos para sociedade. A Mostra seria uma possibilidade de repercutir e ampliar as ações apresentadas nos vídeos comunitários, colocando o VídeoAção em Rede. Nossa proposta era a de, a partir das ações das comunidades, gerar reflexões em torno da cidade e possibilitar articulações com a iniciativa privada e com os vários segmentos da sociedade civil organizada. Buscamos, com esse processo, sair dos círculos internos e ampliar a troca com outros interlocutores

O lema do  
VídeoAção é  
"Nós por  
nós mesmos"



para realizarmos novas experiências pedagógicas de inclusão digital e social.

Em dezembro de 2006, lançamos a proposta da I VídeoAção, mobilizando para este evento as EICs e entidades como a Central Única de Favelas (CUFA), Museu da Pessoa, Instituto Criar, Cinecelula, Centro Público de Formação Profissional em Software Livre Valdeamr Mattei, etc. Este encontro e início de articulações nos deu um estímulo maior para enfrentar os desafios que vinham pela frente.

### **A mostra é a possibilidade de repercutir as ações**

Após o lançamento público da I VídeoAção, seguimos com uma série de ações para apoiar as EICs na produção de seus vídeos:

► Montamos um laboratório multimídia na EIC Pagu, na União de Mulheres de São Paulo, onde também havíamos realizado o evento de lançamento da I VídeoAção. Convidamos esta EIC para receber nosso laboratório por se localizar na região central da cidade, sendo de fácil acesso para as pessoas de todas as outras comunidades;

- Realizamos intensa pesquisa técnica sobre produção e edição de vídeo em software livre na Internet, na Rede Sesc, nos Pontos de Cultura e na Rede do CDI São Paulo;
- Contratamos um assessor que realizou uma oficina de edição em software livre para a equipe do CDI e alguns educadores;
- Realizamos oficinas de mobilização comunitária, roteiro, filmagem e edição de vídeo com educadores e educandos;
- Organizamos um grupo de trabalho para apoiar o processo de produção e edição do vídeo de cada EIC que se propôs a participar da I VídeoAção.

Ao lançar a I VídeoAção, sabíamos que estava em nossas mãos mostrar, o como fazer, fazendo. O “nós por nós mesmos”, lema da proposta, não seria só para as EICs, mas também para o CDI. Desde o início, deixamos claro que não sabíamos fazer vídeo, mas queríamos aprender. Ao aceitar aprender conosco, estabelecemos um acordo: iríamos começar por uma oficina com no máximo dois representantes por EIC, que se tornariam co-responsáveis por compartilhar com o grupo de sua comunidade os aprendizados construídos. Optamos pelo uso de programas livres – Kino, Gimp, Audacity e Cinelerra – já que a distribuição de programas proprietários para a rede de EICs seria inviável. E as EICs toparam.

## Oficinas e produção dos vídeos

Após várias conversas sobre o processo pedagógico da I VídeoAção, construímos uma proposta de trabalho com oficinas, a partir das quais cada grupo iniciava a produção do seu próprio vídeo.

### **Oficina de Mobilização Comunitária e Roteiro para Vídeo**

Objetivo: dar subsídios para que dupla consiga planejar com seu grupo um processo de mobilização na comunidade para executar uma ação que será gravada em vídeo.

Aspectos trabalhados:

Os problemas da comunidade como pauta de um produto de comunicação (no caso, um vídeo);

- ▶ Plano de Ação;
- ▶ Mobilização comunitária;
- ▶ Execução de uma ação;
- ▶ Roteiro de vídeo

Duração: 8 horas

### **Oficina de Gravação em Vídeo**

Objetivo: capacitar as duplas representantes de cada grupo a utilizar os equipamentos disponibilizados pelo CDI (câmeras mini-DV).



**Aspectos trabalhados:**

- ▶ Dicas de enquadramento e fotografia;
- ▶ Como mexer no equipamento;
- ▶ Exercícios de gravação;
- ▶ Análise crítica do exercício de gravação.

Duração: 8 horas

## **Oficina de Edição de Vídeo com softwares livres**

Objetivo: capacitar os participantes em captura, edição e finalização de vídeo digital, utilizando softwares livres.

**Aspectos trabalhados:**

- ▶ Conceito de edição;
- ▶ Decupagem e captura de trechos de vídeos com o software Kino;
- ▶ Edição com o software Cinelerra;
- ▶ Colocação de títulos, créditos e legendas com o software Gimp.

Duração: 16 horas

## **Produção dos Vídeos pelas EICs**

Objetivo: acompanhar e assessorar as equipes participantes do VídeAção nas etapas de planejamento, gravação e edição dos vídeos.



# SINOPSES

I VÍDEOAÇÃO – SINOPSES DOS VÍDEOS PRODUZIDOS



## ● TORNAR REAL (8 MIN)

Organização: EIC Creche Arquinha  
Equipe: Márcia, Thiago e 25 educandos do programa Agente Jovem

Desde o ano passado o grupo identificou a questão dos ratos como um problema sério, tendo ocorrido, inclusive, vários casos de morte por leptospirose na comunidade Porto Seguro, localizada na zona sul de São Paulo. O grupo se uniu para mobilizar os moradores e os órgãos públicos para que fosse feita uma desratização do local. Este ano, o grupo resolveu acabar com o acúmulo de lixo de uma das principais vias da favela.

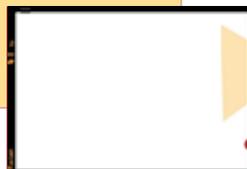
## ● CAMPANÁRIO EM AÇÃO (15 MIN)

Organização: EIC AEB (Associação Evangélica Beneficente)

Equipe: Conexão Digital (Ana Cibele, Anderson dos Santos, Angélica Gomes, Jefferson Alexandre, Natalia Cristina, Marcos Rosa, Bruno Ambrozio e Fernanda de Oliveira)



Jovens do Campanário, no município de Diadema, fazem um abaixo-assinado reivindicando maior frequência de coleta de lixo. O documento é levado à Câmara Municipal de Diadema.





🎬 **O LIXO NO SAPÉ** (8 MIN)

Organização: EIC ASA (Associação Santo Agostinho)

Equipe: Andréia, Luis e Sirlene

Moradores do Sapé, no Butantã (zona oeste de São Paulo), fazem

mutirão para acabar com o acúmulo de lixo e entulho em um terreno baldio.

🎬 **LIBERDADE ASSISTIDA E ESCOLA  
UMA RELAÇÃO POSSÍVEL** (9 MIN)

Organização: EIC Padre Moreira (Associação Comunitária e Beneficente Padre José Augusto Machado Moreira)

Equipe: Ailton, Hualinton Dione, Adriano e Júlio César

Adolescentes cumprindo medida socioeducativa de Liberdade Assistida (L.A.) articulam um debate com representantes das escolas públicas da região de São Mateus, zona leste de São Paulo.



📺 **CAMINHADA PELO EMPREGO DE ALBERGADOS EM SANTO AMARO**

(8 MIN)

Organização: Associação Rede Rua

Equipe: Anderson, Claiton Araújo, Francisco das Chagas, José Ribamar, Linaldo, Manoel de Oliveira, Luis C. Monteiro, Luiz Napoleão, Moacir de Oliveira, Otávio Silva, Roberto Carlos Supremo.



A equipe saiu pelas ruas de Santo Amaro, zona sul de São Paulo, questionando comerciantes acerca da discriminação sofrida por moradores de rua que não conseguem sequer se candidatar a uma vaga de trabalho por não apresentarem endereço residencial fixo.

📺 **DIREITOS ESQUECIDOS: MORADIA NA PERIFERIA**

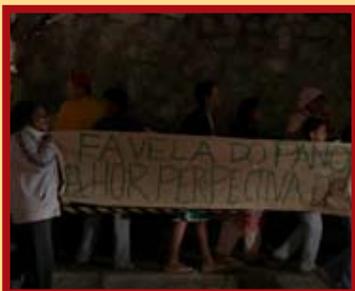
(16 MIN)

Organização: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto  
Equipe: Brigada de guerrilha cultural do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto



O vídeo retrata a situação de pessoas que lutam por moradia na grande São Paulo, com depoimentos e imagens de manifestações culturais no acampamento Chico Mendes, em Taboão da Serra.





### ● **ROLÊ DE QUEBRADA**

#### – **HABITAÇÃO (17 MIN)**

Organização: Favela Atitude  
 Equipe: Karina, Luís Carlos (Cacau), Tiago (Caretá), Cristina, Paulo Roberto, Rogério, Paula, Charles, Washington e Zito.

Moradores do Jd. Panorama (zona oeste de São Paulo), se organizam para garantir seus direitos de moradia, uma vez que estão sendo ameaçados pela construção de um shopping de alto luxo ao lado da favela.

### ● **BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO JD. FONTALIS (5 MIN)**

Organização: Associação Bê-a-bá do Cidadão

Equipe: Izabel Cristina, Vera Lucia, Gisele, Phelippe Santos, Karine Oliveira, Rafaela Melo, Roberta Melo, Luma Tatyane, Djalma, Reninaldo Vasconcelos e Vanderléia.



Hora do conto, aula de inglês, dança do ventre e empréstimo de livros são as atividades desenvolvidas na biblioteca comunitária do Jardim Fontalis, que funciona desde março de 2006, graças ao trabalho voluntário de moradores do bairro.

🎯 **ARRASTA RATO** (9 MIN)

Organização: EIC do Centro de Educação Popular da Comunidade Nossa Senhora Aparecida

Equipe: Grupo ELO – Bruna, Fernanda e Sara



“Arrastão” de conscientização na comunidade com cartazes, distribuição de folhetos e muita música, provoca moradores a se mexer para diminuir os diversos danos trazidos pelos ratos.

🎯 **VIELA DA PAZ EM ÁGUAS** (15 MIN)

Organização: EIC Sociedade Alternativa

Equipe: Andréia, Bruno, Camila, Cícero, Marcos e Rafael



Durante o verão, as chuvas ameaçam os moradores da Viela da Paz (zona oeste de São Paulo). O grupo aciona a Defesa Civil para prevenir os moradores das áreas de risco.





### 🎤 **VIVA A LEI MARIA DA PENHA!**

(14 MIN)

Organização: União de Mulheres do Município de São Paulo

Equipe: Maria Alice Vasconcelos, Margot Ribas, Sonia Maria dos Santos, Mailin Milanés e Dirk Böll.

O vídeo é uma homenagem às mulheres que conquistaram com sua luta a aprovação da lei Maria da Penha. Conta um pouco da história de luta da União de Mulheres e mostra ainda a mobilização pública realizada no último 8 de março.

### 🎤 **COMUNIDADE SÃO JOSÉ BUSCANDO MUDANÇAS (10 MIN)**

Organização: EIC Cebasp (Comunidade Educacional de Base Sítio Pinheirinho)

Equipe: Arlete, Jeferson Vieira, José Silva, Ednei Rocha, Érica Betencourt, Anderson Carvalho, Nair Barbosa, Arthur, Roniel, Bruno Marcos e Ithuany



A Comunidade São José fica na divisa entre o município de São Caetano do Sul e a zona leste de São Paulo, separados apenas por um rio. O grupo ouviu os moradores e articulou um abaixo-assinado reivindicando a canalização e limpeza do rio que tem causado vários problemas para ambos os lados.



### 🕒 **AÇÃO PROJETO ANCHIETA** (6 MIN)

Organização: Projeto Anchieta  
 Equipe: Talita, Fernanda, José Augusto, Expedito (Alemão), Andréia, Maria do Rosário, Eduardo de Paula, Reinaldo, Fabio Vida, Lucas, Luan, Eduardo, Daiane, Arnold, Tatiane, Sidney, Sirléia, Vinicius, Tainá, Raquel, Fernanda, Edilaine, Adriele, Angela, Aledilsom, Daiane Rosa, Edivânia, Danilo, Iago, Ariana, Luana.

Jovens de Belcito, próximo ao Grajaú (extremo sul de São Paulo), resolvem recuperar um enorme terreno cheio de mato para ser utilizado como área de lazer e de esportes.

### 🕒 **MUTIRÃO NA PRAÇA DO JANGADEIRO** (13 MIN)

Organização: EIC Provisão (Associação Beneficente Provisão)

Equipe: Aline Soares, Bruno dos Anjos, Dário Moreira, Elielma Ribeiro, Liliane Novaes, Cláudia Ferreira e Gládis Oliveira.

Mutirão para limpeza e recuperação da praça do Jangadeiro, zona sul de São Paulo, onde o grupo pretende instalar brinquedos para crianças e construir um palco para apresentações artísticas.





● **A REFORMA VAI ROLAR NA PFB**  
(13 MIN)

Organização: EIC da Penitenciária Feminina do Butantã

Equipe: educadores e reeducandas da PFB

Reeducandas da Penitenciária

Feminina do Butantã se organizam para reformar a quadra de esportes da unidade.

● **CLIP VÍDEO-AÇÃO** (5 MIN)

Organização: CDI São Paulo

Equipe: Fátima Oliveira, Raquel Quintino, Rodrigo Alvarez, Gisele Santos, Kalu, Laura Fuser, Luiz Melo, Noely Souza, Paula Takada, Suelen Faria.

O vídeo retrata, de forma sintética, a metodologia e o processo vídeo-ação construído com a rede CDI São Paulo.

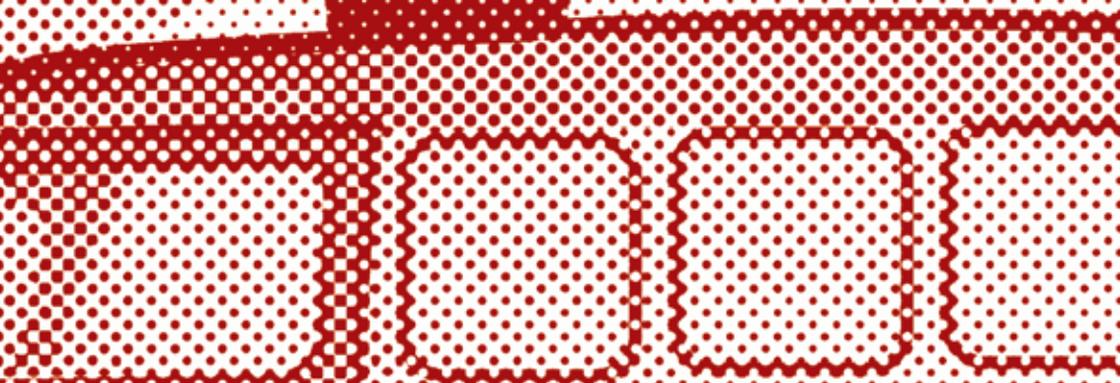
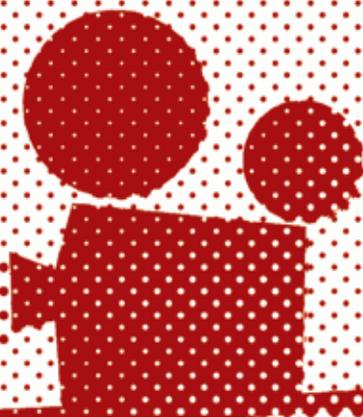
UMA PROPOSTA ◀  
COLOCADA EM PRÁTICA  
APRENDIZAGENS ◀



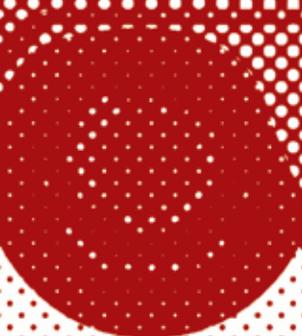
**PARTE DOIS**

# Por que aconteceu?





**VÍDEOÇÃO**



# Uma proposta

## COLOCADA EM PRÁTICA

A PROPOSTA DO VÍDEOAÇÃO TEM O VÍDEO como ferramenta para provocar mudanças nas comunidades onde as Escolas de Informática e Cidadania (EICs) estão localizadas. Isso significa implementar a metodologia do CDI que consiste em articular a proposta de educação popular de Paulo Freire com o uso das tecnologias. Partindo da leitura de mundo e problematizando as questões apresentadas pela realidade da comunidade, o grupo tem condições de planejar e executar uma ação.

Tanto no levantamento de um problema, como na reflexão sobre ele, a comunidade deve ser envolvida, pois a mobilização para uma ação começa com o mergulho na comunidade.

Esta é a hora em que o grupo sai da EIC para conhecer melhor sua comunidade, caminhando por suas ruas, ouvindo, vendo pessoas e situações, que seu olhar acostumado e seus ouvidos cansados não mais conseguem enxergar nem ouvir. Ao debater sobre o que viu, ouviu e percebeu o grupo analisa esse mundo que o cerca. Amadurece e, então, coloca em prática ações para mudar algumas daquelas situações difíceis, articulando outros atores neste fazer. São educandos agindo em sua comunidade e fazendo rede. Para isso, utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação – as TICs – como instrumento dessa mobilização, desenvolvendo-se como pessoas e usuários de informática. A EIC passa ser assim uma referência em tecnologia para intervenção na comunidade.

**A mobilização  
para uma ação  
começa com  
o mergulho  
na comunidade**



O exercício da cidadania ativa que defendemos não pode limitar o uso das ferramentas de forma individualizada, a dimensão individual é desenvolvida na medida em que se estimula o protagonismo social e não há protagonistas sociais que se desenvolvam sem atuar coletivamente.

O Vídeoação é um ótimo exercício para se compreender como um computador, uma filmadora que foram produzidos para o uso “solitário” ganham novas funções quando o seu uso é direcionado para conquistas de direitos sociais. Mas vislumbrar a coletividade não anula a autonomia de indivíduos. A convocatória, “nós por nós mesmos” repercutiu como um instigante desafio à superação dos limites pessoais e coletivos.

## Aprendizagens

É fazendo que se aprende!

Esse foi de fato um trabalho no qual a aprendizagem aconteceu como decorrência da prática. Não podemos pensar em fazer um curso ou uma oficina de vídeo em que vamos experimentar todas as ferramentas audiovisuais e, só depois, fazer vídeo e agir sobre o problema da

**As oficinas  
servem apenas  
para deslançar  
o processo**

comunidade. Intervir na realidade utilizando a tecnologia vídeo é o diferencial do Vídeoação, referendado na proposta político-pedagógica do CDI.

O grupo pode não sair desse processo conhecedor primoroso de um software de edição, mas, com certeza, sairá, no mínimo, muito curioso para aprender e fazer mais. Por isso, as oficinas têm o propósito de acenar com orientações básicas para deslançar o processo. É durante a produção de seu próprio vídeo que educandos e educandas exercitam a utilização dos recursos tecnológicos. Aqui, o papel do edu-

cador ou da educadora é de apoiar a produção, buscando com o grupo tanto soluções tecnológicas como estruturais para que o trabalho aconteça.

### ► **Articulação em rede**

Depois de se organizarem para fazer a ação em suas respectivas comunidades, as equipes das EICs Nossa Senhora Aparecida e Padre Moreira, ambas na zona leste de São Paulo, não tinham como se deslocar até a sede do CDI São Paulo – onde estava montado o laboratório multimídia – para editar seus vídeos. Além disso, o material do grupo da EIC Padre Moreira havia sido gravado com câmera analógica e o laboratório do CDI não dispunha a placa de captura compatível com esse formato. Diante

dessa situação, a gestora do CDI que acompanhava o trabalho dessas duas EICs juntou-se aos grupos para fazer um levantamento de possibilidades de se editar os vídeos na própria região. Descobriram, então, uma escola estadual equipada com uma ilha de edição de vídeos. Além dos laços que se estabeleceram entre as duas EICs ao longo desse processo, as duas equipes e, conseqüentemente o CDI, também firmaram vínculos com esta escola, iniciando uma articulação em rede na zona leste.

### Extrapolando a sala da EIC

O momento é oportuno para sair da EIC e aproveitar contatos, construir rede ou acessar as que já existem na comunidade ou no entorno. Outros pontos de apoio para realizar a ação e próprio vídeo devem existir mas, muitas vezes, embotados na rotina do dia-a-dia, não conseguimos enxergá-los. Por isso, é importante que toda a equipe da EIC e da organização esteja atenta para auxiliar o grupo interessado em fazer o VídeoAção. O coordenador da EIC, por exemplo, pode ajudar muito na hora de articular organizações e pessoas. Os gestores da instituição podem orientar o grupo na mobilização de recursos materiais para realizar a ação e o vídeo. Mapear as possibilidades e articular-se localmente é parte do trabalho de desenvolvimento local.



## Estímulo ao protagonismo do grupo

O grande objetivo do CDI no trabalho de inclusão digital é construir cidadãos críticos, autônomos e agentes de mudança, por isso a importância dos grupos de trabalho que se formaram em torno da produção dos vídeos. Formaram-se coletivos especiais, dos quais o educador ou a educadora foram co-responsáveis de um processo.

A ação, assim como o vídeo, é de responsabilidade de todos que fazem parte desse coletivo que se amplia à medida que o grupo vai mobilizando outras pessoas da comunidade. A experiência da mobilização e da organização de cada etapa da ação, previstas no plano de ação, é muito importante à formação da autonomia do grupo. Por isso, os momentos de reunião para avaliar, decidir e planejar devem ser valorizados pelos educadores, educadoras e demais colaboradores da EIC e da organização. Acreditamos que ao estimular o protagonismo do grupo na articulação de uma ação comunitária, estamos incentivando a formação de pessoas autônomas, críticas e solidárias, capazes de mudar a sua realidade e a de seu entorno, inscrevendo-se como autores e não mais à margem dessa história.

## Um vídeo é para ser visto e re-visto

No quadro a seguir, veremos no relato da educadora da EIC AEB que o processo não acaba com a produção do primeiro VídeoAção. A mobilização vai acontecendo em torno da proposta e a pequena ação iniciada se amplia na medida em que o grupo também se amplia e se renova. A hora da exibição dos vídeos produzidos é fundamental para que isso aconteça. Afinal, este é o momento de compartilhar o que aconteceu, como aconteceu e conquistar mais gente para pensar o que falta acontecer. Não



### zoom

A experiência de  
protagonizar uma ação  
é indispensável  
para a formação  
da autonomia

## ► É “nós por nós mesmos”!

Segundo Fernanda, educadora e coordenadora da EIC AEB (Associação Evangélica Beneficente), o lema do VídeoAção, “nós por nós mesmos” colou de fato. “Os educandos e educandas tomaram a frente da produção do vídeo, trazendo a música da comunidade, buscando recursos, mobilizando moradores para desenvolver a ação. Hoje, estão todos na EIC querendo fazer mais vídeos e outras coisas pela comunidade. Eu e o educador Bruno servimos apenas de apoio ao grupo. Eles chegavam na EIC e resolviam o que tinham para resolver, mesmo sem que estivéssemos lá.

Tudo começou com uma jovem, Tekinha, que freqüentava a EIC durante o uso livre. Ela soube da proposta

do VídeoAção e se dispôs a mobilizar algumas pessoas da comunidade para um reunião que aconteceu na casa dela. Com o grupo formado, várias reuniões aconteceram para resolver o que fazer e como fazer (plano de ação). Com o vídeo pronto e parte do problema do lixo no Campanário resolvido, o grupo resolveu continuar o trabalho e hoje freqüenta a EIC duas vezes por semana pela manhã. Também na EIC o grupo criou o [www.campanarioemacao.zip.net](http://www.campanarioemacao.zip.net) que está sendo atualizado com notícias da comunidade.” (Depoimento concedido no Dia da Inclusão Digital, durante o debate “O vídeo como ferramenta de Inclusão Digital”, em março de 2007).

é necessário uma grande estrutura. O vídeo pode ser exibido no próprio computador, no espaço da EIC. O importante é que não seja considerado apenas um trabalho final de curso, interessante apenas às pessoas que dele participaram. O momento é de convocar a comunidade! Fazer uma sessão dos vídeos em horários diferentes para as turmas das EICs e para as pessoas que freqüentam a instituição pode ser uma estratégia para aquecer o grupo. Depois é possível partir para uma mobilização maior, com debate com representantes de outras organizações daquela comunidade e do poder público local. Isso pode fortalecer a rede e os movimentos locais que já existem, ou ainda fomentá-los, caso ainda não aconteçam significativamente.



## Surgem novas questões

Todo o processo aqui relatado nos trouxe algumas questões:

- ▶ Qualquer prática pode ser caracterizada como ação transformadora?
- ▶ O tamanho dessas ações diminui o caráter da intervenção?
- ▶ Como garantir que a ação não acabe no primeiro ato?



### zoom

As ações são inicialmente pequenas e se ampliam na medida em que os grupos mobilizam outros atores sociais

- ▶ Após o VídeoAção, o que fazer com o grupo?
- ▶ Como serão os cursos a partir de então?

Algumas dessas perguntas já começaram a ser respondidas em debate com as próprias EICs. O que percebemos até aqui é que as ações são inicialmente pequenas e se ampliam na medida em que os grupos realizam mais e maiores intervenções e aprendem com esse exercício. No entanto, ao provocar pequenas iniciativas, as organizações podem formar uma rede ou fortalecer as redes já existentes e, com o apoio do CDI, mobilizar a sociedade em torno das questões da cidade, possibilitando intervenções em políticas públicas locais.

Do ponto de vista político, o CDI poderá fortalecer seu papel de agente da sociedade civil que propõe e interfere em políticas públicas, diminuindo a situação de exclusão em que se encontra a maioria da população. Para a equipe do CDI São Paulo, o VídeoAção representa o início da concretização da nossa Proposta Político-Pedagógica de Inclusão Digital.

## ► Caminhada pelo emprego de albergados em Santo Amaro

A proposta do VídeoAção chegou à EIC Rede Rua como uma forte provocação do CDI. A equipe da EIC ainda não se sentia muito encorajada a participar, pois havia sido inaugurada recentemente e o educador se sentia inseguro de como fazer.

Com o Jogo do Fantasma (em anexo), o grupo elencou alguns problemas e todos giravam em torno do preconceito com moradores de rua e o desemprego que os afetam. Nos encontros que se seguiram, o grupo definiu o fantasma e desenhou um plano de ação.

O grupo planejou uma caminhada pelo bairro de Santo Amaro entrevistando comerciantes e levantando possibilidades de inserção de trabalho na rede local. O grupo entendeu que a melhor maneira de enfrentar o preconceito era falando sobre ele com as pessoas que agiam de forma preconceituosa, com aqueles que deixavam os moradores de rua à margem do mercado de trabalho. Resolveram então entrevistar representantes de agências de emprego que cadastram

e encaminham trabalhadores para grandes redes de supermercados. Depoimentos de catadores de papelão também foram gravados.

Com o vídeo editado, uma inquietação tomou conta do grupo, que se perguntava: “não conseguimos resolver o problema. E agora? O que vamos fazer?” Provocados pela gestora do CDI, começaram a se questionar: “Será que não escolhemos um problema amplo demais? Será que temos condições de resolver os problemas do preconceito e do desemprego para moradores em situação de rua, sozinhos? Se não conseguimos, então, o que podemos fazer?”

Decidiram realizar um debate com outra EIC que vive à sombra do mesmo fantasma: a EIC Ocas. O debate aconteceu em um restaurante popular, localizado no centro de São Paulo, após a exibição do vídeo.

As duas EICs estão agora repensando estratégias para novas ações, ampliando o grupo e o debate. (Depoimento de Laura Fuser, gestora das EICs Rede Rua e Ocas).





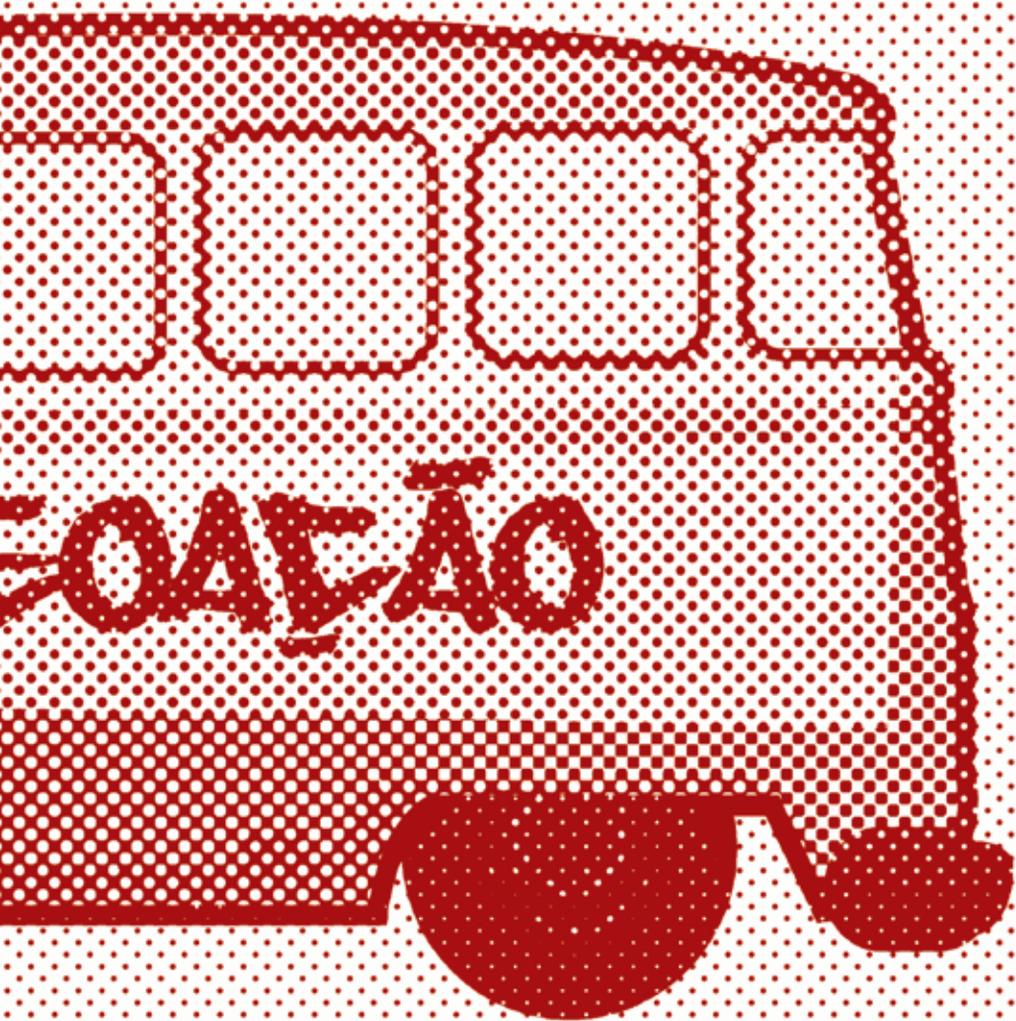
O QUE É VÍDEO COMUNITÁRIO? ◀  
COMO FAZER VÍDEO COMUNITÁRIO? ◀



PARTE TRÊS

# Como pode acontecer?





# O que é um VÍDEO COMUNITÁRIO?

UM VÍDEO, ASSIM COMO UMA RÁDIO, UM JORNAL, um fanzine, um site, etc., é um meio de comunicação, e como tal, possui alguns elementos essenciais para que a comunicação realmente aconteça. Basicamente, existe alguém ou um grupo emissor que vai usar um meio ou um veículo para transmitir uma mensagem para um outro grupo receptor. A grande diferença de uma comunicação comunitária para uma comunicação comercial é que todos os elementos da comunicação comunitária são a comunidade, o que torna o processo participativo e horizontal.

## ► Resumindo, na comunicação comunitária:

Quem emite, produz, faz a mensagem é a comunidade.

As mensagens são sobre a comunidade.

O meio ou veículo utilizado é da comunidade.

O público-alvo ou receptor dessa mensagem é a comunidade.

Dessa forma, a comunicação comunitária é feita pela, sobre, na, com e para a comunidade. E quando falamos para a comunidade, não significa que a comunidade seja mera espectadora dessa comunicação. Significa que este trabalho deve ser uma comunicação que busque o desenvolvimento daquela comunidade, contribuindo para a melhoria de vida de seus integrantes, seja no âmbito educativo, político, cultural, da saúde, etc.

Estamos chamando de vídeo comunitário aquele que busca todas essas características, contribuindo para o desenvolvimento não apenas daqueles que estão envolvidos na produção do material, mas para o maior número de integrantes daquela comunidade.



# Como fazer um vídeo comunitário?

Fazer um vídeo, hoje em dia, não é um bicho de sete cabeças. Mas também não é uma coisa tão simples. Trata-se de um trabalho com diversas etapas – algumas delas, muito demoradas –, portanto, planejamento, organização e paciência são ingredientes fundamentais para a equipe que se propõe a fazer um filme.

Vamos listar aqui algumas dicas para seu grupo organizar a realização completa de um vídeo comunitário. Veja as etapas da tabela abaixo:

Etapas da realização de um vídeo	
Pré-produção ou Planejamento	Pauta
	Pré-roteiro
	Plano de Ação
	Roteiro
Produção	Gravação audiovisual
Pós-produção ou Finalização	Decupagem
	Roteiro de edição
	Edição
	Exibição

## Pré-produção ou Planejamento do vídeo comunitário

### A Pauta

A pauta de um vídeo é o assunto que será abordado. No caso do VídeoAção, por exemplo, a pauta será uma ação para tentar solucionar determinado problema que pode ser construída a partir de questões como:

- ▶ Qual o problema que mais atinge a comunidade, neste momento?
- ▶ Como e quando ele acontece?
- ▶ O que causa este problema?
- ▶ O que podemos fazer para acabar com ele?

As respostas para essas perguntas devem ser respondidas, de preferência, com a comunidade, em um encontro que podemos chamar de reunião de pauta.

**Observação:** para identificar o problema/ação ou a pauta do VídeoAção, sugerimos que você brinque com o **Jogo do Fantasma** na sua comunidade. Veja como funciona este jogo no **anexo 1**.

### O Pré-roteiro

O pré-roteiro nada mais é do que o detalhamento da pauta. Ele servirá de instrumento para a equipe detalhar melhor o conteúdo que pretende abordar no vídeo. Dependendo do grau de conhecimento do grupo sobre a pauta, uma pesquisa sobre o assunto será necessária.

Para facilitar a construção do pré-roteiro, o grupo pode tentar responder as seguintes perguntas:



- ▶ O que queremos mostrar?
- ▶ Quem são as pessoas envolvidas que devem aparecer no vídeo?
- ▶ Onde a ação vai acontecer?
- ▶ Quando a ação vai acontecer?
- ▶ Como a ação vai acontecer?
- ▶ Por que a ação vai acontecer?

### **O Plano de Ação**

O plano de ação é utilizado para planejar o trabalho do vídeo como um todo, para além do seu conteúdo. Nele entram informações sobre as tarefas que a equipe precisa cumprir para poder fazer o vídeo.

Segue algumas perguntas que poderão orientar o Plano de Ação.

- ▶ Quais as etapas da ação?
- ▶ Quem é preciso mobilizar na comunidade e com o poder público local para realizar a ação?
- ▶ Quais recursos serão necessários para promover a ação e como serão captados?
- ▶ Quais são as tarefas e quem se responsabilizará por cada uma delas?
- ▶ Quando o grupo se reúne para avaliar cada etapa? (como está o andamento do processo, se vai continuar do jeito que está, se muda alguma coisa e como)

Enfim, está quase na hora de ir para a comunidade, mobilizando-a, movendo uma ação com filmdora na mão, mas antes é necessário fazer um roteiro dessa saída.

### **O Roteiro**

Fazer um roteiro para um vídeo é como fazer a planta de uma casa. Na planta, temos condições de enxergar como será a casa, quando ela estiver pronta. E será sobre essa planta que a casa será construída. Com o roteiro é a mesma

coisa. É um exercício de visualizar o filme antes mesmo de gravar as imagens e os sons. Aliás, ele será o guia para a gravação audiovisual e, principalmente, para a edição do vídeo.

Escrever o roteiro de um vídeo é contar uma história por meio de sons e imagens em movimento. Em nosso caso, esta história tem por base o passo-a-passo da ação: o que o grupo irá fazer na comunidade, por que, como a ação irá acontecer, por isso é fundamental que ela, a ação, e as atividades a ela relacionadas, estejam bem definidas.

Na construção dessa história, algumas perguntas poderão ajudar o grupo na hora de gravar a ação na comunidade:

- ▶ Quais imagens e sons serão necessários à apresentação do problema identificado?
- ▶ Em que momento do plano de ação será feita a captação?
- ▶ Quais imagens e sons serão importantes para mostrar o que a comunidade está fazendo para resolver o problema?



E por fim, é importante gravar os momentos marcantes do processo, desde a preparação do grupo para a saída na comunidade, até a identificação do problema e discussão do grupo sobre a ação, mas tenha cuidado para não se exceder na preparação e esquecer a ação, afinal, este é um material de comunicação que tem como base uma ação comunitária, e por isso o grupo precisa se preocupar em captar imagens que demonstrem o que está acontecendo na comunidade e qual o problema que está por traz dessa ação.



## Produção

Luz, Câmera, Ação! Chegou a hora! Com roteiro e câmera na mão é o momento de gravar, de jogar luz nos problemas e na comunidade agindo sobre eles. Hora do grupo se organizar. Para isso é importante saber, quem ficará responsável pela filmadora e seus acessórios (não deixe de ver se a bateria está carregada e teste o equipamento); quem irá filmar; quem irá conduzir o debate, reunião, etc.

## zoom

O VídeoAção precisa ser editado de um jeito que aqueles que não vivenciaram entendam o que aconteceu



## Pós-produção ou finalização

### Roteiro de edição

Assim como o roteiro para sair à comunidade, o roteiro de edição é um guia para contar a história daquela ação proposta pelo grupo a ser montada em vídeo, com um diferencial: o grupo já saiu à comunidade, já filmou todo o processo e agora vai montar essa história, com início, meio e fim, para que outras pessoas vejam e entendam como tudo aconteceu. Não é mais como o grupo achava que ia acontecer, mas o que de fato aconteceu. Mas editar não é contar tudo e de qualquer jeito. O grupo precisa agora pensar o quer contar e como quer contar.

Algumas questões podem ajudar o grupo a construir o roteiro de edição:

- ▶ Como o vídeo vai começar?
- ▶ Onde a história aconteceu? Em que comunidade, região da cidade?
- ▶ Quais fatos foram importantes para resolver o problema que o grupo identificou?
- ▶ Como se desenrolou a ação? Como foi, quem participou, até onde foi?
- ▶ De tudo que aconteceu, o que o grupo acha importante contar no vídeo?
- ▶ Quem fez parte dessa história?
- ▶ Quem conta a história?
- ▶ Como acaba o vídeo?

A história não precisa ser extensa, e sim contada de forma clara, de um jeito que todos que não tenham vivido aquela ação, se sintam provocados e com vontade de também fazer parte dela.

### Decupagem

Vamos pensar em fotografias como exemplo: se fôssemos contar esta história com uma exposição fotográfica, após fazermos as fotografias na comunidade, teríamos que selecionar as fotos que melhor contariam o que aconteceu. Ao escolhermos os trechos filmados para compor o vídeo, estamos iniciando a decupagem do material e nos preparando para edição. Então, este é o momento de selecionar as cenas que vão aparecer no vídeo e deixar de lado outras que não são tão importantes. É o momento de limpeza, por isso a importância do



roteiro de edição já definido. Com o roteiro fica mais fácil fazer essa seleção, pois o grupo já sabe como vai contar o que aconteceu.

Ao assistir todas as cenas filmadas o grupo deve escolher aquelas que realmente são importantes para contar o que aconteceu, como e onde e com quem aconteceu, tendo o roteiro como guia. Uma dica importante é fazer isso direto no computador. O grupo poderá construir uma pasta onde colocará os arquivos selecionados, ao mesmo tempo em que assiste às cenas. Também é possível cortar cenas inteiras que não ficaram boas, momentos indesejados de um trecho, deixando-o mais próximo do satisfatório. Isto ajuda muito na hora da edição.

### **Edição**

Editar é montar a história em formato de vídeo. Isto quer dizer que, após o grupo filmar vários trechos, e fazer a seleção daqueles que irão entrar no filme – decupagem – é hora de juntar tudo e organizar no editor de vídeo para que todos entendam como se deu a ação na comunidade. É como juntar fotografias na seqüência da história.

Durante a edição do vídeo, momento em que o arquivo é denominado de projeto, os arquivos são arrastados para as trilhas, na seqüência sugerida pelo roteiro de edição. Após construída a seqüência do vídeo, e já colocado todos os recursos que o grupo identificou como importantes (músicas, títulos, legendas, créditos) para contar a sua história, é hora de fechar o arquivo, transformá-lo em formato de vídeo, momento que chamamos de renderizar. Ao ser renderizado o arquivo pode ser trans-

formado em arquivos para assistir no computador ou na TV, ou ainda ser publicado na internet (Youtube ou outro portal de vídeos). Para isso é necessário exportar o arquivo, transformando-o em tipos específicos a cada caso.

### Exibição

Este momento é importantíssimo, pois quem fez parte do vídeo, concedendo entrevistas ou participando da ação, quer ver como ficou. É também uma hora oportuna para mostrá-lo a outras pessoas da comunidade que não se envolveram nesse primeiro VídeoAção.

Além disso, ao concluir esta etapa do processo, muitas aprendizagens foram acumuladas pelo grupo. Por isso, é importante pensar em todas as coisas que aconteceram e avaliar como foi e o que perceberam ao longo da caminhada. Como já dissemos, este momento representa também a possibilidade de ampliar a iniciativa do grupo. ■





# ▶ ANEXOS

**MATERIAIS DE APOIO** – JOGO DO FANTASMA, FICHA DO PLANO DE AÇÃO E FICHA DE ROTEIRO

## ▶ **Jogo do Fantasma**

O Jogo do Fantasma é uma estratégia lúdica que extrapola a problematização da realidade. Seguindo os passos sugeridos pelo jogo, o grupo consegue identificar o tema gerador (fantasma) mais grave. Analisa suas causas, elabora um plano de ação, executa a ação (a caçada ao fantasma) e avalia o processo.

### ▶ COMO JOGAR

**1º passo** – Com o grupo em roda, proponha a brincadeira do fantasma.

**2º passo** – O educador pode ser o coordenador, mas o grupo também poderá escolher um dos educandos para coordenar o jogo. Outra pessoa deve ser a relatora da equipe.

**3º passo** – Com o editor de desenhos ou papel e lápis, cada pessoa deve desenhar um fantasma que ataca a qualidade de vida daquele grupo ou daquela comunidade e dar um nome a esse fantasma – não pode ser o nome de uma pessoa. Após desenhar e escrever o nome do fantasma, proponha que:

cada um apresente o seu fantasma ao grupo, dizendo quem ele é e os danos que ele causa.

o relator anote os fantasmas que vão sendo apresentados, de preferência em uma lousa ou papel grande, para que todos possam visualizar;

**4º passo** – Os participantes vão agrupar os fantasmas semelhantes, como se eles fossem da mesma família fantasmagórica:

Os fantasmas semelhantes serão reunidos em pequenos grupos. Por exemplo, falta de trabalho, desemprego e falta de oportunidades são fantasmas que podem ser agrupados na mesma família.



Os grupos vão descobrir por que cada fantasma existe e o que os criou.

Os grupos vão escrever cinco causas ou a origem dessa família de fantasmas.

**5º passo** – No grande grupo:

Cada grupo apresenta o que descobriu sobre a família de fantasmas que investigou (o relator de cada grupo).

O relator geral anota as descobertas dos grupos.

**6º passo** – Um fantasma é eleito pelo grupo para ser caçado em primeiro lugar. Anotem o plano de ação.

**7º passo** – O coordenador pergunta quais as características necessárias à equipe que vai caçar o fantasma:

Quais qualidades os caçadores devem ter?

Que qualidades pessoais e coletivas?

Quais os conhecimentos gerais e específicos necessários à caçada?

**8º passo** – O Grupo identifica os recursos de que a equipe vai precisar e descobre como pode obtê-los.

**9º passo** – O Grupo deve definir as três primeiras ações.

Quem serão as pessoas responsáveis por cada ação (o nome deverá constar no plano de ação)

Qual o prazo para as primeiras ações?

O coordenador deverá marcar uma data de retorno do grupo para avaliar as ações

► **Roteiro para registro e avaliação da caçada:**

1. Quem era o fantasma? (apresente-o em forma de desenho ou escreva)

2. O que criou o fantasma?

3. O que ele provocou?

4. Como foi descoberto?

5. Quem era a equipe Caça-Fantasmas?

6. Como a equipe pensou as ações de combate?
7. Qual o envolvimento de cada um no processo?
8. Existiu algum tipo de parceria para implementação da ação?  
Qual ou quais?
9. Qual foi a abrangência da ação (local onde foi desenvolvida)?
10. Quais foram os resultados da caçada?
11. Quais tecnologias a equipe utilizou, desde o planejamento até a caçada?
12. Novas ações foram planejadas pela equipe, caçando o mesmo fantasma? Conte em rápidas palavras.

### Ficha do Plano de Ação

Ação	Responsáveis	Prazo
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		



## Ficha do Roteiro

Cenas	Imagem	Áudio
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		

# REFERÊNCIAS

Sites:

- ▶ **Estúdio Livre**  
[estudiolivres.org](http://estudiolivres.org)

Site que reúne informações e manuais sobre diversos programas livres, como o editor de imagem GIMP, o editor de áudio AUDACITY e os editores de vídeo KINO e CINELERRA.

- ▶ **Centro de Mídia Independente – CMI**  
[www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)

O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica.

A ênfase da cobertura é sobre os movimentos sociais, particularmente, sobre os movimentos de ação direta (os “novos movimentos”) e sobre as políticas às quais se opõem.

A estrutura do site na internet permite que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações.

- ▶ **Porta Curtas**  
[www.portacurtas.com.br](http://www.portacurtas.com.br)

O Porta-Curtas é um projeto que visa não apenas disponibilizar curtas-metragens brasileiros para a internet, mas também formar um painel da produção nacional de curtas em termos de décadas, técnicas, tendências e elencos.

- ▶ **Roteiro de Cinema**  
[www.roteirodecinema.com.br](http://www.roteirodecinema.com.br)

Portal de roteiro cinematográfico com catálogo de roteiros, manual de escrita, cursos on-line, dicionário de roteiristas.



Tiragem 1000 exemplares  
Impressão em papel reciclado 75 gramas  
Gráfica CCJ (Centro de Capacitação da Juventude)